

# *METAMORFOSES DO SETOR TERCIÁRIO E TERCIARIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA*

Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas  
Universidade Federal do Ceará  
Bolsista Produtividade do CNPq  
edantas@ufc.br

## **RESUMO**

As metamorfoses do terciário são, no nosso entender, pano de fundo da terceirização contemporânea, cujo fundamento básico encontra-se na forma de divisão do trabalho adotada. A terciarização contemporânea, baseada nas metamorfoses do terciário, viabiliza-se conforme um processo de acumulação mundial, que vai levar a uma discussão em torno do papel do terciário no período técnico-científico, período atual. Neste sentido buscamos, no presente trabalho, indicar variantes capazes de viabilizar o entendimento do terciário e suas transformações ocorridas – materialização de novas diferenciações tanto espaciais como sociais.

**Palavras Chaves:** terciário, terciarização, metamorfoses.

## **ABSTRACT**

The metamorphoses occurring at the tertiary sector constitute, in our view, the background to the process of contemporaneous tertiary formation, and whose fundamentals are to be found in the way work social divisions are adopted. Contemporaneous tertiary formation, based upon the metamorphoses of the tertiary sector, takes place according to a process of world accumulation, and that leads to a debate on the tertiary sector's role at the present-day, technical-scientific era. In this paper we try, therefore, to indicate which variables are capable of helping in the understanding of the tertiary sector and in the transformations it has been going through – the materialization of new social and spatial differentiations.

**Key words:** tertiary sector, tertiary formation, metamorphoses.

---

## *Considerações iniciais*

O Terciário adquire grande importância na estrutura de empregos da divisão social do trabalho no período atual, implicando na materialização de uma estrutura ocupacional característica, cujas repercussões a nível do espaço, tanto “em termos de localização das atividades concretamente observáveis como em torno de zonas de influências, de fluxo de relações, efeitos de atração e polarização” (GEORGE, 1979), faz-se sentir. Consiste num novo padrão de acumulação a nível mundial, no qual as premissas básicas devem-se a “ajustes” sócio-econômicos, que proporcionam o aumento da composição orgânica do território - sinônimo de avanço tecnológico.

Neste contexto torna-se essencial, para o entendimento da realidade atual, a consideração deste fenômeno – crescimento e importância do terciário. Para Thomas (1986) o terciário não era levado em conta, por duas razões: 1. históricas: por tratar-se de um fenômeno cujo caráter massivo é relativamente recente; 2. epistemológica: a origem da riqueza era a questão fundamental e norteadora da economia política. Como a esfinge fez a Édipo, o terciário impõe-se exigindo sua decifração e, caso não consigamos fazê-lo sucumbiremos. Isto aconteceu com o marxismo clássico, por não levar tal aspecto em conta, e com as teorias das três idades de Colin Clark, buscando demonstrar quadro apontando para uma evolução da sociedade a partir do crescimento do emprego terciário.

### *Repensando o marxismo*

A preocupação vital, norteadora do marxismo clássico, era a determinação do ser produtivo, Tal característica seria específica do proletariado, porque seu trabalho acrescentaria valor à mercadoria. Nesta classe encontraríamos os verdadeiros produtores de riqueza e os sujeitos revolucionários, aqueles

responsáveis pela eliminação da hegemonia de seus exploradores: os que apropriam-se da mais-valia (trabalho não pago), ou melhor, a burguesia. O terciário, por sua vez, era taxado dogmaticamente de improdutivo, porquanto, as pessoas envolvidas nesta atividade, tratam-se de não produtores de riqueza e, ainda por cima, consumidores da mais-valia transmitido sob a forma de salário. Dadas suas condições, estes trabalhadores poderiam ser, na melhor das hipóteses, meros aliados. Logo, deixava-se de lado o cotidiano, no cerne do qual se dá à formação da consciência de classe.

Mas a intestável explosão do terciário, que acompanhou o desenvolvimento do “fordismo” após a Segunda Guerra Mundial nas metrópoles imperialistas, e, sobretudo a combatividade crescente das camadas sociais envolvidas (greves dos trabalhadores dos correios, dos hospitais, dos bancos etc.), obrigam a responder a questão em termos um pouco mais analíticos. (LIPIETZ, 1988).

Conforme Liepietz (1988) nos aponta, o desenvolvimento na nova divisão social do trabalho escapa à análise marxista, por conta do surgimento e/ou ampliação de atividades terciárias ligadas: 1.a “condições gerais exteriores” da valorização dos capitais privados; 2.a valorização de segmentos autônomos de capital. Como resultado esta teoria esbarra numa série de problemas.

A primeira categoria de atividades terciárias, embora tenha sofrido grande extensão no pós-guerra, representa um menor problema para o marxismo. Trata-se dos serviços públicos, com suas funções voltadas para:

(...) a reorganização material da divisão geral do trabalho. Isto diz respeito ao conjunto das atividades de circulação e informação e, de maneira diferente, os ministérios técnicos e econômicos; a reprodução e reprodução do sistema social. Isto recobre, de um lado, funções já assumidas pelo Estado feudal (impostos, administração geral, justiça, polícia, exército, e outros aparelhos repressivos) e, de outro lado, funções de produção e reprodução de força de trabalho (e educação e saúde), inclusive as atividades de gestão e de transferência atinentes a essas funções. (LIEPIETZ, 1988).

Já as atividades terciárias voltadas para a valorização de segmentos autônomos de capital trazem maiores problemas. O esquema marxista, baseado na distinção entre aqueles que detêm ou não os meios de reprodução, torna-se simplista ao ocorrer a explosão do capitalista e do coletivo operário.

Explosão do capitalista inicialmente. Distinção entre a propriedade do capital e sua aplicação: o capitalista torna-se um funcionário (assalariado) do capital. Depois, explosão das próprias funções do capitalista (...). Emergência, ao lado da função industrial, das funções financeiras, comerciais, que podem autonomizar-se completamente ou permanecer incluídas nas empresas industriais. Mas a realização de suas funções se decompõem por seu turno: decidir, executar. Assim prolifera a função capitalista parcelaria onde ao empregado (...) é delegada uma ínfima porção do que, no esquema social, diz respeito ao capital por oposição ao produtor direto.

O produtor direto explode por seu turno, e que emerge um ‘terciário ligado ao processo de trabalho capitalista` (...). Ela (...) apenas traduz uma das relações fundamentais do modo de produção capitalista: a dissociação entre a vertente intelectual e a vertente manual do trabalho; a expropriação do produtor direto de seu *savoir-faire*; a apropriação deste *savoir-faire* por uma fração do coletivo de trabalho recrutado pelo capital: os engenheiros e técnicos que recebem, organizam, regulam o próprio processo de trabalho. (LIPIETZ, 1988).

Com estas transformações no terciário, a questão do ser ou não ser produtivo do marxismo manifesta-se como vaga e secundária, sendo necessária, sim, transpor o próprio termo de produção do sentido restrito, haja vista, o referido reduzir o marxismo ao filosofismo e ao economicismo. Interpretação do pensamento marxista neste sentido é feita por Lefbvre (1972):

Al volver a las fuentes(...) el término producción adquiere un sentido amplio y fuerte. Este sentido se

desdobra. La producción no se reduce a la fabricación de productos. El término designa, por una parte la creación de obras (incluidos el tiempo y espacio sociales), es decir, la producción ‘espiritual’, y, por otra parte, la producción material, la fabricación de cosas. Designa también la producción por si mismo del ‘ser humano’ en el curso de su desarrollo histórico. Lo que implica la producción de relaciones sociales. En fin, tomado en toda su amplitud, el término abarca la reproducción.

A produção, nestes termos, não abarcaria unicamente a produção de bens materiais, mas a produção da vida do próprio ser humano, sendo fundamental a incorporação na ciência do irracional (desejo, festa, costumes...). Racional e irracional materializam-se no cotidiano, o qual possui um duplo aspecto: o resíduo e o produto do conjunto social.

*Uma Apologia: a era das atividades inteligentes e igualizadoras.*

Ao contrário da teoria marxista, a teoria das três idades toma como premissa o aumento da participação do terciário na geração de empregos, demonstrando assim, uma evolução linear da sociedade, segundo a participação dos setores da economia na economia de cada país. No estágio inicial de desenvolvimento o setor principal seria o primário; no estágio intermediário o setor principal seria o secundário; e por último – o estágio final – o setor terciário ocuparia posição superior aos demais. Tal estágio seria resultado direto do desenvolvimento tecnológico, que por sua vez livraria o homem do desgaste do trabalho manual da era industrial e, de suas desigualdades. Seria para a humanidade a era das “atividades inteligentes e igualizadoras: os serviços” (LIPIETZ, 1988).

Formulada nos anos 30, “esta classificação e a terminologia que a acompanha tornaram-se de uso corrente bem pra lá das constatações que lhe deram origem. A problemática foi ela própria retomada como fundamento de uma teoria mais geral do desenvolvimento social, apresentada como ‘resposta’ ao marxismo” (THOMAS, 1986).

Após a constatação de que, nos “países subdesenvolvidos”, o terciário obtinha importância notável na participação do emprego, superando em alguns casos os demais setores da economia, os “notáveis adaptadores” desta teoria deparam-se com um questionamento em torno da relação existente entre o crescimento do terciário e o desenvolvimento.

A elucidação de tal problemática passa a ser formulada conforme uma análise dicotomizada do setor terciário. Existiriam, portanto, o terciário arcaico, ligado a formas herdadas do passado, e o terciário moderno, resultado direto da “modernização atual”, sendo respectivamente, característico dos “países subdesenvolvidos” e dos “países desenvolvidos”. Inclusive percebe-se que embora alguns marxistas não aceitem tal teoria, coadunam-se com este enfoque ao crerem no caráter niilista da sociedade capitalista.

Com a concepção deturpada de que moderno é sinônimo de novo, o terciário arcaico passa a ser visto como empecilho ao desenvolvimento. A superação deste entrave consubstanciar-se-ia quando o terciário moderno eliminasse o terciário arcaico, da mesma forma do ocorrido nos “países desenvolvidos”. Esta perspectiva dá margem à adoção de categorias como as de setor formal e setor informal da economia, as quais são amplamente utilizadas na atualidade.

Santos (1979) nos fornece subsídios para superação desse enfoque em seu clássico: Espaço Dividido – os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Trabalhando com a assertiva de que não haveria modernização, mas modernizações, o autor “detecta” ao estudar a economia urbana dos países subdesenvolvidos a existência de dois circuitos da economia (circuito inferior e circuito superior – o primeiro dependente do segundo) articulados e resultantes do mesmo período histórico. Este desdobramento derivar-se-ia da difusão de inovações (informação e consumo – a primeira a serviço da segunda) que atingem pontos privilegiados no espaço periférico, concomitantemente à produção de inovações no centro, e em função da ação ser informada.

A diferenciação básica entre os dois circuitos seriam de ordem tecnológica e organizacional. O circuito superior e o circuito inferior da economia seriam respectivamente:

(...) resultado direto da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam dele (...). (...) um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligados (...). (SANTOS, 1979)

Embora Santos limite seu estudo aos “países subdesenvolvidos”, no período atual, temos a expansão do circuito inferior na economia dos “países desenvolvidos”. Murilo e Cartier (1988) nos dão mostra desse fenômeno ao constatarem que o “setor informal” (especialmente os serviços pessoais) adquire importância na absorção da mão-de-obra migrante e na economia dos U.S.A.

(...) the restructuring of the U.S. economy has involved the expansion of new types of industrial organization, and a growing tertiary sector, notably in the area of personal services. This has contributed to the growth of an advanced capitalist equivalent to the urban informal sector in the peripheral countries (MINGIONE, 1983; SASSEM-KOON, 1983). This will be taken up below in the discussion of research priorities. For now it is sufficient to note that the recent restructuring of the U.S. economy, in particular the expansion of an urban informal sector has resulted in growing employment possibilities for legal and illegal immigrants in informal manufacturing – notably the garment industry and electronics assembly and in the service sector of large urban centres (PORTER and CLARK, 1987; FERNANDEZ-KELLY and GARCIA, 1985) (MURILO E CARTIER, 1988).

Este setor tem demonstrado que não desaparece, isto é, possui um espaço permanente na estrutura de produção, independente do nível de desenvolvimento econômico (CACCIAMALI, 1989).

Devido a complexidade e as proporções atingidas pelo terciário, a categoria de articulação mostra-se, por si só, ineficaz; impondo-se a adoção de outras categorias além da econômica. Uma das categorias relegada a segundo plano é a análise da cidade – uma das dimensões do urbano – cuja importância dá-se por ser condição para a reprodução do terciário. A cidade considerada, até então, como um bloco homogêneo, na verdade constitui-se em pedaços heterogêneos – tempos diferenciados a nível do espaço que materializam-se no cotidiano como expressão do moderno (LEFEBVRE, 1972). Sua compreensão (cotidiano moderno) viabiliza-se, por sua vez, a interpretação dos signos encontrados.

Hoje, a tão propalada eliminação das desigualdades sociais e espaciais mostra-se como ilusória por conta de dois aspectos: 1. Uma estrutura hierárquica do emprego; 2. Uma diferenciação espacial nas mais variadas escalas. Tem-se, portanto, desigualdades segundo novos parâmetros, conforme teremos a oportunidade de vermos no transcorrer deste trabalho.

### *Terciário e Regulação Sócio-Econômica: o limiar de uma nova diferenciação espacial.*

Após todas estas proposições e questionamentos somos levados a nos interrogar a despeito do papel do terciário na atualidade, e é tomando emprestado o termo regulação sócio-econômica de Lipietz (1988), que tentaremos inserir alguns elementos com o objetivo de viabilizar o entendimento da realidade.

A busca da “resolução das contradições econômicas e sociais exacerbadas pela acumulação capitalista” (LIPIETZ, 1988) proporciona o crescimento do terciário como forma de viabilizar a realização da mercadoria – condição básica para a reprodução da sociedade capitalista – cuja eficácia requer, também, a manutenção da hegemonia política.

Constatando uma das contradições existentes na sociedade capitalista – caráter privado das unidades de produção em oposição ao caráter social da produção – Lipietz (1988) demonstra como no “fordismo” garantia-se a realização da mercadoria graças “regulação monopolista”.

Consiste, em grande parte, em uma pré-avaliação monetária da oferta por um crescimento programado dos rendimentos salariais, à medida do crescimento da produtividade. Assim, a parte do valor adicionado do período que corresponde à massa salarial se encontra automaticamente realizada sem dificuldade. E

a que corresponde à mais-valia? Bem, (...) o salário do terciário era, em geral, uma parte da mais-valia social transitando sob forma salarial (após eventualmente ter transitado pelo imposto), isto é, figurando como rendimento monetário, logo, como demanda, antes mesmo que o sobreproduto correspondente a esta mais-valia seja realizada. (LIPIETZ, 1988).

Devido a uma demanda solvável, garantida pelo terciário, a tendência à superprodução não coloca empecilhos à produção de massa. Mas, o aumento da composição orgânica do capital leva à tendência à queda da taxa de lucro, tornando-se necessário encontrar outras fontes de mais-valia para elevar a rentabilidade. A eclosão do “fordismo periférico” foi o achado.

Tal eclosão é o reflexo da nova divisão internacional do trabalho (dit) que reparte os países em três níveis:

I. a concepção, a organização dos métodos e a engenharia tornados autônomos; II. A fabricação qualificada exigindo uma mão-de-obra adequada; III. A execução e a montagem desqualificada, não exigindo a princípio nenhuma qualificação”. (LIPIETZ, 1984)

A constatação por parte dos países da CEEE de sua posição na divisão internacional do trabalho (segundo Lipietz, 1988 – nível II), a crescente expansão japonesa e a dependência em relação aos U.S.A. levaram, à necessidade de integração como única forma de adquirir autonomia e reverter a tendência que aponta para a perda da hegemonia política e econômica a nível mundial. Estampa-se uma nova perspectiva: a formação de blocos internacionais de poder.

Esta divisão põe a mostra, aspectos importantes para a realização da mercadoria que não foram considerados por Lipietz: o primeiro seria a detenção da tecnologia como forma de garantir, a partir do controle do saber, a hegemonia do mercado mundial; e o segundo, o acesso à informação como dado fundamental na produção de objetos e relações.

Tais necessidades promovem o surgimento de uma série de atividades terciárias, “sem as quais a vida econômica moderna não se poderia exercer. Nessa lista encontram-se as atividades de mercadização (“marketing”), de engenharia (“engineering”), de gerenciamento (“management”), de propaganda, de pesquisa, de consultoria” (SANTOS, 1982).

O ideal da homogeneização do espaço esbarra numa nova diferenciação espacial, que vai para além da divisão entre países industrializados e países não-industrializados. É a segmentação do próprio processo produtivo.

A partir da nova divisão internacional do trabalho a produção imaterial vai dar margem ao surgimento de uma base material característica de um novo padrão de acumulação mundial. A metrópole informacional.

(...) esta é a grande cidade cuja força essencial deriva do poder de controle, sobre a economia e o território, de atividades hegemônicas, nela sediadas, capazes de manipulação da informação, da qual necessitam para o exercício do processo produtivo, em suas diversas etapas (...). (SANTOS – mimeo.)

Como resultado dá-se o processo de “desindustrialização” notado em algumas cidades como Paris e São Paulo. As conhecidas metrópoles informacionais constituem-se em “potências intelectuais”, as quais possibilitam um maior número de fluxos no território, haja visto, a ação ser informada. A periferia, ao receber as indústrias relocadas, especializa-se basicamente na produção material. Após o advento da metrópole informacional, a noção de especialização inter-regional, proposta por Lipietz (1988), torna-se superada, pois no período atual são estas cidades que possuem o poder de (des)organizar o território, graças ao controle da informação.

Além dos interesses econômicos, Lipietz (1988) também considera a regulação como um fator de estabilização social. O terciário, desta forma, tenderia a crescer em função das tensões sociais, que levariam à formação de alianças de classe pautando-se no estatuto do trabalho não manual do terciário. Para Lipietz (1988), “situado na articulação do proletariado e da pequena burguesia, o trabalhador do terciário

não é sociologicamente um operário, e pode, pois, ser mais facilmente convencido de que está do lado do poder”.

A proliferação do circuito inferior da economia como absorvedor de mão-de-obra pode ser considerado nestes termos, ao mesmo tempo que possibilita o acesso ao consumo, de parcela da população. Cacciamali (1989), ao analisar as transformações nas estruturas de emprego e ocupação, constata tal crescimento até nos “países desenvolvidos”.

Os países industrializados vêm mostrando, recentemente, um aumento de trabalhadores por conta própria e de pequenos negócios, tanto ligados a prestação de serviços em geral, como associado a trabalhos de assessoria e administrativos originados pelas novas tecnologias.

Singer (1979) e Oliveira (1979) ao analisarem a expansão do terciário, especificamente os serviços públicos, também fazem como um fator de estabilização social, ou seja, o crescimento dos serviços públicos voltando-se para o controle social (serviços de controle para Singer e funções do controle social para Oliveira). É mister lembrar que os referidos autores, embora não aprofundem a proposição, consideram os serviços públicos vinculados aos serviços de produção e aos serviços de consumo. Esta interrelação dá-se porque “o sistema capitalista é também um sistema de dominação. Em algum sentido, não no sentido principal, para não cairmos em especulações” (OLIVEIRA, 1979).

Por partirem do mesmo ponto de vista – o crescimento do terciário relacionado aos conflitos sociais – o trabalho de Lipietz (1988) não contrapõe-se, podendo assim, complementar o enfoque de Singer e Oliveira.

Não obstante, é possível entender outro processo característico do período atual – descentralização dos serviços públicos – baseando-se na hipótese formulada por Singer (1979), ao notar o aumento do número de funcionários vinculados aos serviços de controle. O autor acredita que o processo de urbanização atual tende a formar: “núcleos metropolitanos como centros nervosos de redes cada vez mais extensas de serviços de controle”.

Singer, ao formular esta hipótese, aponta-nos o caminho pelo qual poderemos entender a descentralização dos serviços públicos: controle social. Entretanto, não nos mostra as implicações deste controle. Segundo nossa ótica de análise arrisco-me a afirmar, que o objetivo fundamental da formação dessa rede seria a tentativa de ciberneticização da sociedade a partir do cotidiano, deixando claro que tal tentativa não utiliza-se somente dos serviços públicos mas, também, de atividades terciárias ligadas à diversão e ao turismo, como forma de apropriar-se dos resíduos encontrados no cotidiano ao torná-los consumíveis – exemplo disso é a festa, que deixa de significar ruptura com o cotidiano e passa a ser vendida como um produto: “consumo da festa, a festa do consumo”.

Embora os enfoques de Lipietz, Singer e Oliveira nos forneçam subsídios para o entendimento do papel do terciário, falta-lhes aprofundarem-se naquilo que George (1979) nos aponta:

A transposição do esquema da sociedade de classe não encontrou outra solução senão o de identificar o pessoal do terciário a uma classe média dividida em estratos. No setor terciário aplicou-se muito comodamente a barreira de categorias sócio-profissionais: um trabalho de predominância ‘manual’, que seria o trabalho industrial em oposição a um trabalho de predominância ‘intelectual’, que seria o terciário.

Podemos, após esta indagação, compreender o quanto os enfoques baseados nas alianças de classe e nos serviços de controle são limitados, pois, por trás deles e utilizando-os, existe um projeto bem mais amplo: uma ideologia que visa reforçar a hegemonia da classe hegemônica.

É a partir da transformação da ideologia da produção e do sentido da atividade criadora em ideologia do consumo, que vai originar-se a figura do consumidor, ou melhor, daquele que personifica o ideal da realização humana. A classe média materializa este ideal instalando-se na busca as satisfação material, a qual viabiliza a incorporação de um status superior em relação à classe trabalhadora (produção material). Tem-se, assim, a formação de uma consciência de classe que serve à classe hegemônica, haja ista seu

modo de vida ter conquistado toda a sociedade, incluso a classe trabalhadora (LEFEBVRE, 1972).

Por ter um mínimo de apropriações na sua cotidianidade, ele deixa de crer na dignidade do trabalho e dele mesmo, tornando-se a fé e a esperança em retórica ou niilismo. (LEFEBVRE, 1972).

O impasse posto à ideologia do consumo é a proletarização generalizada, a qual a classe média esta sujeita. Daí o papel fundamental das atividades terciárias ligadas à publicidade, que proporcionam uma ideologia do consumo fundamentada no imaginário, como forma de mascarar a cotidianidade da classe média e da classe trabalhadora, cuja tendência é tornar-se cada vez mais repleta de coações, ou seja, apropriações reprimidas, posto o ato de consumir ser tanto imaginário (fictício) quanto real (dividido em coações e apropriações). (LEFEBVRE, 1972).

A tentativa de cibernetização da sociedade por intermédio do cotidiano leva, por sua vez, à criação de novas atividades terciárias (algumas já citadas) caracterizadas por uma heterogeneidade notória. Quem trata deste aspecto com procedência é Santos (1982):

A ampliação qualitativa e quantitativa das necessidades ligadas à existência individual e das famílias, junto ao fato de que o próprio sistema econômico dispõe de meios de criar e impor novas necessidades como se elas fossem naturais, são paralelamente criadoras de novas atividades que se enquadram também dentro do terciário (saúde, religião, diversões, turismo e tantos outros) (...) Junta-se a tudo isso as formas novas ou renovadas, sofisticadas ou não, da atividade política e político-administrativa tanto na esfera pública como na esfera privada, ou ainda da intersecção entre ambos. Os múltiplos aspectos da burocracia, ampliada enormemente com a modernização e das diferentes atividades ligadas ao conceito de segurança (individual e coletiva), cuja expansão e diversificação recente são consideráveis, são, também do domínio do terciário (...).

Baseando-se nos questionamentos propostos, podemos concluir que: a proliferação e (des)centralização das atividades terciárias, como resultado da regulação sócio-econômica (nos termos aqui propostos), dão margem ao surgimento de uma nova diferenciação espacial determinada/determinante de um novo padrão de acumulação mundial, cujas repercussões fazem-se sentir no cotidiano.

### *Considerações Finais*

Considerando a produção no sentido amplo esperamos, a partir dessa análise, contribuir para a compreensão do terciário contemporâneo, indo além do “marxismo clássico” e das visões lineares da história, fundamentadas nos pressupostos da teoria de Colin Clarrk.

Para tanto, vinculamos o terciário à ideologia do consumo, a qual incorpora interesses econômicos e elementos como o desejo, o imaginário, a festa... a fim de viabilizar a cibernetização da sociedade por intermédio do cotidiano. Tem-se, portanto, a materialização de uma nova diferenciação espacial característica de um novo padrão de acumulação mundial, ocupando o terciário, graças a seu crescimento e diversificação, um papel fundamental na regulação sócio-econômica.

### *Bibliografia*

CACCIAMALI, M.C. **O novo ciclo tecnológico e as transformações nas estruturas de emprego e ocupacional**. São Paulo, 1989, 53p. (mimeo)

GEORGE, P. A noção do setor terciário: complexidade, ambigüidade. In: **Populações ativas**. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1975, pp. 81-110.

LEFEBVRE, H. **La vida cotidiana em el mundo moderno**. Madri: Alianza Editorial, 1972, 247p.

LIPIETZ, A. As transformações na divisão internacional do trabalho: considerações metodológicas e esboço de teorização. In: **Espaço e debate**. N.º 12, Ano IV. São Paulo: Canopus, 1984. pp.66-94.

\_\_\_\_\_. O terciário arborescência da acumulação capitalista: proliferação e polarização. In: **O capital**

**e seu espaço.** São Paulo: Nobel, 1988, pp177-209.

MURILLO, G. & CARTIER, W. Urbanization, the informal sector and migration: issues for research and cooperation. In: **Canadian Journal od Development studies**, v. 09. Canadá, 1988, pp.177-209 .

NABUCO, R. N. Segmentação, terceirização, espaço. In: **Est. Econômicos**. São Paulo, V. 19, n.º Especial, 1989, pp.49-61.

OLIVERIA, F. de. O terciário e a divisão social do trabalho. In: **Estudos Cebrap**, n.º 24. Petrópolis: Vozes, 1979, pp. 133-150.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. Os processos sócio-econômicos da urbanização. In: **Urbanização desigual**. Petrópolis: Vozes, 1982, pp.77-96.

\_\_\_\_\_. Terceirização, urbanização, planificação: notas de metodologia. In: **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982, pp.55-62.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985, 88p.

\_\_\_\_\_. As profissões e o emprego nas cidades. In: **Manual de Geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1989, pp.58-77.

\_\_\_\_\_. **Meio técnico-científico e urbanização: tendências e perspectivas**. São Paulo. s/d, 19p. (mimeo).

SINGER, P. A economia dos serviços. In: **Estudos Cebrap**, n.º 24, Petrópolis: Vozes, 1979, pp.127-135.

THOMAS, E.V. As incertezas do terciário. In: **Seleção de textos**, n.º 16, AGB Nacional/ AGB São Paulo, 1986, pp.33-53.

Trabalho enviado em janeiro de 2008

Trabalho aceito em março de 2008